

Significados do discurso e identidade de angolanos em ambiente virtual de aprendizagem

Christine Maria Soares de Carvalho

Elizabeth de França do Nascimento Augusto

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo da construção discursiva das identidades de estudantes Angolanos em textos produzidos no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), do Projeto de Extensão “Curso de Leitura e Produção de Textos para Angolanos”, da Universidade Católica de Brasília (UCB). O objetivo deste trabalho é analisar as identidades dos Angolanos com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica (ADC) de Fairclough (2001 e 2003) e nos estudos das Ciências Sociais sobre identidade e diferença de Hall (1992) e Silva (2000). Na análise de dados utilizamos os conceitos de significados do discurso: acional, representacional e identificacional, em uma relação interdisciplinar da ADC com as Ciências sociais. Os resultados apontam que a construção discursiva da identidade se dá pela diferença, e permite a compreensão do discurso como forma de prática social e mudança social.

Palavras-chave: Discurso. Significados do Discurso. Identidade. Diferença. Angolanos.

ABSTRACT: This article presents a study of the discursive construction of the identities of Angolan students in texts produced in the Virtual Learning Environment (VLE), by the extension project “Reading and Text Production” from Catholic University of Brasilia (CUB). The objective of this work is to analyze the identities of the Angolan students based on the theoretical-methodological studies of the Critical Discourse Analysis (CDA) of Fairclough (2001 and 2003) and based on the Social Science studies on Identity of Hall (1992) and Silva (2000). In the data analysis we use the concepts of the text meaning: actional, representational and identificational, in an interdisciplinary relationship between the CDA and the Social Sciences. The results point out that the discursive construction of identity takes place through difference, and allows the understanding of discourse as a form of social practice and social change.

Keywords: Discourse. Text Meaning. Identity. Difference. Angolans.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise da construção discursiva das identidades de estudantes Angolanos, em textos produzidos em Ambiente Virtual de Aprendizagem, do Projeto de Extensão: Curso de “Leitura e Produção de Textos para Angolanos” da Universidade Católica de Brasília (UCB).

O projeto foi destinado a estudantes Angolanos dos cursos de graduação e pós-graduação a distância da UCB, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento das habilidades de leitura e produção de textos destes estudantes, os quais apresentavam dificuldades na produção escrita e na interpretação de textos acadêmicos.

O curso foi realizado em ambiente virtual de aprendizagem (AVA), plataforma *Moodle*, onde os estudantes angolanos pudessem praticar a leitura e a escrita. Os textos produzidos pelos

Angolanos com base nas atividades práticas do curso foram selecionados para análise dos significados do discurso e da construção das identidades.

Foram adotados os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso Crítica (ADC), segundo Chouliaraki e Fairclough (1999), Fairclough (2001, 2003), Resende e Ramalho (2006), e os estudos das Ciências Sociais sobre identidade de Hall (1992) e de Silva (2000). Com base nos estudos da ADC, pretende-se compreender o uso social, político e ideológico da linguagem, percebendo os significados do discurso e a prática social. Nos estudos das Ciências Sociais, entende-se a identidade nas perspectivas das relações sociais e culturais que estabelece sua relação com a diferença.

1 - DISCURSO E IDENTIDADE

Nesta seção serão apresentados os pressupostos teóricos e metodológicos da ADC e os estudos culturais sobre identidade e diferença que fundamentam este trabalho.

1.1 – Análise de Discurso Crítica (ADC)

A ADC surgiu a partir dos estudos da Linguística Crítica (LC), em 1979, por Roger Fowler e Gunther Kress, que contribuíram para a compreensão da linguagem, de sua relação com o social e com as noções de ideologia e poder. A ADC pode ser considerada uma continuação desta vertente da Linguística (OTTONI, 2014, p.28).

De acordo com Resende e Ramalho (2006, p.21), o termo “Análise de Discurso Crítica” foi cunhado, em 1985, pelo linguista Norman Fairclough, em seu artigo publicado no periódico *Journal of Pragmatics*. Entretanto, a ADC só se consolidou como disciplina no início da década de 1990. Apesar das diferentes abordagens críticas da linguagem, a ADC foi considerada uma proposta teórico-metodológica de Norman Fairclough, também denominada de Teoria Social do Discurso.

Fairclough (2001a, p.91) entende o uso da linguagem como prática social. Isso implica que: primeiro, o discurso é um modo de ação, como também de representação; segundo, estabelece uma relação dialética entre discurso e a estrutura social; e terceiro o discurso é moldado pela estrutura social no sentido mais amplo. Dessa forma, o discurso é constituído socialmente e é constitutivo das identidades sociais, das relações sociais e dos sistemas de conhecimento e crença.

A proposta teórico-metodológica de Fairclough (2001a) é organizada em uma concepção tridimensional do discurso, numa tentativa de reunir a tradição de análise textual e linguística com a tradição de análise da prática social em relação às estruturas sociais. Tal concepção é composta pelo texto, prática social, e prática discursiva. Em cada uma dessas dimensões, há categorias analíticas que permitem a compreensão do discurso como prática social.

Dentro da dimensão do texto são analisados os aspectos linguísticos e textuais, de modo descritivo, em categorias como: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Na dimensão da prática discursiva são analisados: a força dos enunciados, isto é, dos atos de fala, a coerência e a intertextualidade dos textos. A prática discursiva envolve a interpretação dos processos de produção, distribuição e consumo dos textos. Na dimensão da prática social são analisados de modo explicativo, os conceitos de ideologia (sentidos, pressuposições e metáforas) e hegemonia (domínios econômico, político, cultural e ideológico).

Neste modelo da ADC o discurso era foco central da análise. Entretanto, Chouliaraki e Fairclough (1999, p.21) apresenta uma visão do discurso como um momento da prática social, e parte de uma concepção da vida social como constituída de práticas. Por práticas, entende-se os modos naturalizados, relacionados a tempos e lugares específicos, nos quais as pessoas aplicam recursos (materiais e simbólicos) para agirem juntas no mundo.

Segundo os autores, qualquer prática articula diversos elementos da prática social. O discurso é um desses elementos, que possui seus próprios mecanismos. As práticas são articuladas juntas dentro de uma rede de práticas e as suas características ‘internas’ são determinadas por essas relações ‘externas’. Qualquer prática é uma prática de produção – as pessoas em relações sociais particulares aplicam tecnologias aos materiais. E nessa perspectiva, as práticas são parcialmente discursivas, mas também são representadas discursivamente. E como as representações contribuem para sustentar relações de dominação dentro da prática, elas são ideológicas.

Chouliaraki e Fairclough (1999, p.38) focalizam a vida social como um conjunto de práticas, que são maneiras de mediação entre estruturas abstratas e eventos concretos, combinando perspectivas da estrutura e da agência. Eles sugerem a análise da conjuntura, ou seja, conjunto de eventos com projetos específicos de uma instituição, que pode ser um modo produtivo de operacionalizar tanto as estruturas como os eventos.

Em Fairclough (2001b, p.123) a Teoria Social do Discurso é baseada na visão de semiose como uma parte irredutível dos processos sociais materiais. Semiose inclui todas as formas de produzir sentido – imagens visuais, movimentos do corpo, bem como a linguagem. A semiose aparece em geral de três maneiras nas práticas sociais. Primeiro, ela aparece como uma parte da

atividade social dentro de uma prática. Segundo, a semiose aparece nas representações. Representação é um processo de construção social das práticas, incluindo auto-representação reflexiva – representações entram e moldam processos e práticas sociais. Terceiro, a semiose aparece nos desempenhos de posições particulares dentro das práticas sociais. As identidades das pessoas que operam em posições no interior de uma prática são em parte especificadas pela própria prática.

Para Fairclough, a semiose como para da atividade social constitui gêneros discursivos. Os gêneros discursivos são diferentes maneiras de agir, de produzir a vida social, com os recursos semióticos. Já a semiose na representação e na auto-representação das práticas sociais constitui discursos. Os discursos são diversas representações da vida social que são posicionadas inerentemente – atores sociais posicionados diferentemente representam a vida social em diferentes modos, diferentes discursos. E a semiose no desempenho de posições constitui estilos, que são maneiras de ser, identidades, em seu aspecto semiótico (FAIRCLOUGH, 2001b, p. 123-124).

Fairclough (2003) adota a teoria da linguagem de Halliday (1994) ao considerar as três metafunções da linguagem: ideacional, interpessoal e textual, para formular os três tipos de ‘significados do discurso’: o significado acional, ligado ao gênero; o representacional, ligado ao discurso; e o identificacional, ligado ao estilo.

O significado acional está vinculado ao *gênero discursivo*, como modo de agir e interagir nos eventos sociais. Os gêneros são definidos de acordo com as práticas sociais a que se relacionam e pelas formas como elas são articuladas. Os gêneros são definidos pelo contexto social, histórico e cultural, de tal modo que mudanças nas práticas sociais acarretam mudanças nas formas de ação e interação, ou seja, nos gêneros discursivos. “Quando se analisa um texto em termos de gênero, o objetivo é examinar como o texto figura na (inter)ação social e como contribui para ela em eventos sociais concretos” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p.62).

Além da relação com o gênero discursivo, o significado acional apresenta outro aspecto: a *intertextualidade*. O conceito de intertextualidade surgiu primeiramente de Bakhtin (1997), que afirma que: primeiro, os textos são dialógicos, ou seja, respondem a outros textos anteriores, e segundo os textos são polifônicos, há muitas vozes dentro do mesmo texto, tornando a intertextualidade complexa, pois, o texto apresenta outras vozes ditas ou não ditas, de maneira direta ou indireta.

O significado representacional está ligado ao conceito de discurso como modo de representação do mundo. Segundo Fairclough (2003) os diferentes discursos são diferentes

perspectivas de mundo associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo e que dependem de suas posições no mundo e das relações com outras pessoas (RESENDE; RAMALHO, 2006, p.70).

A articulação de diferentes discursos é chamada de *interdiscursividade*. A análise interdiscursiva de um texto relaciona-se à identificação dos discursos articulados e da maneira como são articulados. O mais evidente está no vocabulário, pois os diferentes discursos representam o mundo pelas palavras de diferentes maneiras. Outra categoria analítica para compreender o significado representacional em textos é a representação de atores sociais, que podem indicar suas ideologias e ações (FAIRCLOUGH, 2003).

O significado identificacional está relacionado ao conceito de "estilo". Estilos constituem o aspecto discursivo de 'identidades', ou seja, relacionam-se à identificação de atores sociais em textos. Segundo Fairclough (2003), o processo de identificação no discurso envolve seus efeitos constitutivos, em um processo dialético em que os discursos são inculcados em identidades, uma vez que a identificação pressupõe a representação.

Identidade e diferença estão relacionadas a informações, mudanças sociais, lutas de poder e lutas hegemônicas, e essas mudanças variam de acordo com o grupo social a que se referem, pois, a identidade sempre sofre interferência das relações sociais mediante situações simbólicas de escolhas e diferenças. É importante ressaltar que, por meio do discurso e/ou pela identidade posta no texto, identificam-se relações de luta e poder, por isso o significado identificacional é imprescindível para as questões de lutas hegemônicas.

Os sujeitos definem seus papéis sociais se posicionando dentro dos meios estabelecidos pelos poderes hegemônicos, por meio disso, os atores sociais formam sua identidade como forma de luta contra instituições dominantes ou fazendo parte dessas instituições. É o que os estudos de Hall (1992) apresentam sobre a questão da identidade, sobre a formação da identidade e como ela se representa.

1.2 – Identidade e Diferença

Desde o século XIX, os sociólogos consideram que o tema 'identidade' tem muita relevância para os estudos das mudanças sociais, e focam nos princípios que levam uma comunidade a se desenvolver culturalmente. Por isso é fundamental compreender como se constrói a identidade, seja ela cultural, familiar ou particular.

A construção de uma identidade se dá com o tempo e de maneira inconsciente, nunca fixa. A identidade sempre é um processo e não é possível falar dela de modo acabado e sim

como algo em constante andamento. “A identidade não surge apenas da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais imaginamos ser vistos por outros” (HALL, 1992, p.39).

Além da identidade que o sujeito tem de si, existe a identidade que o sujeito enxerga do outro, julgando o valor do próximo no objetivo de enxergar diferenças, semelhanças ou mudanças. Todavia, pode-se dizer que identidade é um conjunto simbólico constante do ser em si mesmo, e do ser com o outro. Esta relação determina a posição do indivíduo na sociedade, deste modo, a identificação do ator social corresponde com o tempo e a sua posição cultural.

Esta correspondência com o tempo/posição cultural, destaca funções que o sujeito exerce em determinado contexto, gerando papéis sociais. Castells (1996) argumenta, que não se deve confundir papéis com identidades, visto que os papéis são fundamentais para uma operação e cargo social; já a identidade se forma de maneira particular dependendo da função ou da situação de poder, formando identidades dominantes ou assujeitadas – ou seja, há uma dialética interior e exterior do caráter de identidade do indivíduo, com base na sua posição na sociedade. Castells (1996, p.3), ainda respalda o seguinte:

Na verdade, algumas auto definições podem também coincidir com os papéis sociais, por exemplo, no momento em que ser pai é a mais importante autodefinição do ponto de vista do actor. Contudo, as identidades são fontes mais importantes de significados do que os papéis, por causa do processo de autoconstrução e individualização que envolvem. Em termos mais genéricos, pode dizer-se que as identidades organizam os significados, enquanto os papéis organizam as funções. (CASTELLS, 2006, p.3)

Por isso, o ponto de vista do ator social é relevante ao representar seu discurso, o papel social não determina a importância da identidade, e sim o sujeito que determina qual papel tem mais importância em seu cotidiano ou escolhas. No entanto, as escolhas do sujeito podem afetar amplamente outros sujeitos.

Entretanto, as normas de instituições nem sempre vão contagiar a todos da mesma maneira, pois, os atores sociais têm cada vez mais questionado os discursos do Outro, de modo que surgem novas respostas e novas ideias e escolhas, causando uma fragmentação constante do posicionamento da identidade, efeito que tem ocorrido principalmente na contemporaneidade.

Esta fragmentação, de acordo com Hall (1992), é considerada "descentramentos do sujeito", ou seja, as mudanças nas identidades ocorrem de maneira ligeira, isto porque as transformações mundiais estão acontecendo a curto prazo.

Tais acontecimentos são efeitos da "modernidade tardia", que é o efeito das mudanças constantes por meio de instituições socialmente significativas, que causam no sujeito um frenético anseio por transformações. Instituições significativas, como igreja, governo, mídia, etc., tem o poder hegemônico por meio da informação, e uma informação que não é estável, mas corriqueira.

A nova geração de atores sociais baseia-se na relatividade informada, ou seja, todos estão sujeitos a um bombardeio de informações, porém nenhum conceito sobre algo é fixo e duradouro, há sempre uma disputa de conhecimentos rasos que influenciam novos agentes sociais. Hall (1992), afirma que as identidades modernas fragmentadas têm uma nova concepção sobre as identidades de outros sujeitos e essas novas identidades estão sempre em deslocamento através da informação.

Nota-se que o sujeito também se compõe a partir da identidade cultural. A identidade cultural vem dos princípios que são válidos e reiterados dentro de uma comunidade, e que são utilizados de modo memorável e tradicional a algum povo. Uma cultura unifica diversos aspectos dentro de si, tentando aceitá-lo ou modificá-lo para construir uma identidade nacional, porém, na modernidade atual essa ideia de único não tem tanto sentido quanto antes e acaba por ser um mito.

O que determina as características de uma sociedade são os aspectos discursivos criados de maneira simbólica para determinar uma linha tênue entre uma coisa e outra, ou seja, a identidade se faz também pela diferença, pela dialética da negação e da afirmação, estou negando aquela característica, provavelmente estou aceitando a outra. (WOODWARD, 2000, p.9)

Woodward (2000), também argumenta que todos os níveis de construção da identidade, estão baseados em símbolos que podem ser concretos ou abstratos. Em uma nação, a identidade pode ser estabelecida por alguns aspectos como: raça, etnia, relação familiar, tradições e gênero sexual. A identidade também é marcada por condições sociais e materiais, por exemplo, há países que são intrigados porque um tem a condição per capita maior que a outra, essa construção também envolve prática social e situações classificatórias.

Essa dialética, e aspectos classificatórios, geram uma relação de poder, formando identidades que questionam ou permanecem sob ideias hegemônicas, oriundo destas relações.

Castells (1996, p.04), criou três conceitos elaborados a partir das relações de poder. “Uma vez que a construção social da identidade ocorre sempre num contexto determinado por relações de poder, proponho uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades: *Identidade legitimadora; identidade de resistência; identidade de projeto.*”

As *identidades legitimadoras* são estabelecidas por instituições hegemônicas, de cunho dominante, que são aplicadas à população como modo de medir ações. A *Identidade de Resistência* é exercida por atores em condições desfavorecidas, com o intuito de resistir às instituições dominantes. *Identidade de Projeto* é quando os atores sociais saem da posição de resistência e conseguem criar meios de constituir uma nova identidade, capaz de transformar a estrutura social, identidade de projeto é a perpetuação de uma nova auto identidade, quando o projeto de resistência se transforma em vigor real.

Com as identidades vivenciando novos movimentos sociais, valores tradicionais tendem a ser questionados, produzindo identidades resistentes e de projetos. No entanto, essas identidades são construídas em contextos sociais, dentro do espaço/tempo, onde as peculiaridades da diferença se fazem por classificação.

As identidades são produzidas em momentos particulares no tempo. Na discussão sobre mudanças globais, identidades nacionais e étnicas ressurgentes e renegociadas e sobre os desafios dos “novos movimentos sociais” e das novas definições das identidades pessoais e sexuais, sugeri que as identidades são contingentes, emergindo em momentos históricos particulares. (WOODWARD, 2000, p.9)

Dentro dos momentos particulares será possível notar as características peculiares de cada indivíduo, ou um grupo de indivíduos, isto, por meio da diferença. Há duas formas de identificar a diferença em relação a identidade: por sistemas classificatórios e pela diferença.

Por *sistemas classificatórios* Woodward (2000, p.39) entende que a diferença classifica a identidade. É conveniente dizer, que a classificação particular, familiar e cultural/nacional, é definida pelas escolhas e preferências de que o indivíduo se apropria, que são produtos de restrições materiais e daquilo que se pode chamar de *habitus*. Já a *diferença* se dá através de um sistema binário, mas não simplesmente o sistema binário estruturado por Saussure, em que a relação de significado e significante que seria algo fixo. WOODWARD (2000, p.50), considera a concepção de Levi Straus que entende a relação binária como traços. Esses traços são estipulados por sentidos de dominação em que um sempre será melhor que o outro, alto vs baixo, colorido vs preto-branco, etc. Temos exemplos na sociedade, como o do machismo que estipulou por séculos que o homem é melhor que a mulher em algumas ocasiões,

designando as mulheres o cargo de servir, no sentido de ser inferior aos homens. Há também, marcas da diferença no papel social em que a pessoa se encontra em algum contexto, por exemplo: chefe > funcionário, rico > pobre, etc. Isto nos mostra porque a diferença é parte da identidade, é a relação dialética que confecciona traços da identidade. A diferença é marcada por representações simbólicas que atribuem significado às relações sociais, mas exploração da diferença não nos diz por que as pessoas investem nas posições que elas investem nem porque existe esse investimento pessoal na identidade. (WOODWARD, 2000).

Em razão dessas diferenças, é que a linguagem dá significado a estas relações classificatórias, e isto é possível quando o sujeito por meio do discurso, representa seus ideais.

2 - ANÁLISE ¹

Para analisar as representações discursivas das identidades dos estudantes angolanos do Projeto de Extensão: “Curso de Leitura e Produção de Textos para Angolanos”, foram selecionados textos de opinião resultados dos 'Exercitandos', que são exercícios disponíveis no ambiente virtual de aprendizagem, realizados no 1º e 2º semestres de 2015, por 10 estudantes, sobre temas relacionados ao seu país e suas vidas pessoais.

Neste primeiro momento, será analisada a construção discursiva da identidade e diferença. Foram selecionados alguns trechos dos textos de 3 estudantes sobre o tema “comunicação”:

(1) “No meu ponto de vista, a respeito do assunto, considero que, a comunicação tem uma competência muito influencial na importância na minha área profissional. E tem como objetivo específico no desenvolvimento comunicacional, de um local para o outro. A comunicação social reforça certos comportamentos e desaprova outros.” (ARMANDO - Exercitando 4. Informação, percepção e comunicação.)

(2) “A comunicação, para os profissionais do meu curso, Filosofia, é uma competência sumamente importante, porque um filósofo, é essencialmente, alguém que passa as suas ideias, as suas reflexões, as suas análises através da palavra, dos conceitos, dos argumentos, etc. Isto significa que se o profissional do Curso de Filosofia não levar em consideração a boa comunicação, estará sujeito a fracasso, pois sem ela não é possível transmitir as suas ideias.” (NOEL - Exercitando 4. Informação, percepção e comunicação.)

(3) “Para os profissionais do meu curso, temos a comunicação não verbal a sua importância apoiada nas funções que exerce em relação à mensagem que desejamos transmitir, envolve todas as manifestações de comportamento não expressas por palavras, através da expressão facial, o movimento dos olhos da cabeça e do corpo. Essa comunicação é um importante factor para a efectividade comunicativa e pode interferir no desempenho do docente.” (PEDRO - Exercitando 4. Informação, percepção e comunicação.)

¹ Foram utilizados pseudônimos para preservar as identidades dos estudantes pesquisados.

Analisando os trechos acima, vemos que os estudantes expressam sua opinião de modo diferente, destacando princípios diferentes, apesar de concordarem que a comunicação é essencial para o desenvolvimento do profissional. Podemos ver que eles definem o tema com base na área que atuam, como parte daquilo que vivem e praticam.

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: as identidades dependem da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas suas características) em ao menos dois grupos opostos... (WOODWARD, 2000, p.40/41)

Assim como se observa nesses trechos, cada um dos estudantes apresenta para si alguma importância sobre a comunicação, mas essa importância varia de acordo com o curso em que estão inseridos e depende também das experiências vividas em relação ao tema. Observe o Quadro 1 a seguir

Exercitando <i>Informação.</i>	4: Importância do tema para cada aluno.	Diferença	Identidade
ARMANDO	<i>... a comunicação tem uma competência muito influencial na importância na minha área profissional. E tem como objetivo</i>	<i>A comunicação social reforça certos comportamentos e desaprova outros.</i>	
NOEL	<i>...é uma competência sumamente importante, porque um filósofo, é essencialmente, alguém que passa as suas ideias...</i>	<i>Isto significa que se o profissional do Curso de Filosofia não levar em consideração a boa comunicação, estará sujeito a fracasso, pois sem ela não é possível</i>	<i>A comunicação, para os profissionais do meu curso, Filosofia...</i>
PEDRO	<i>...temos a comunicação não verbal a sua importância apoiada nas funções que exerce em relação à mensagem que desejamos</i>	<i>(A comunicação não verbal) essa comunicação é um importante factor para a efectividade comunicativa e pode interferir no desempenho do</i>	<i>Para os profissionais do meu curso, temos a comunicação não verbal.</i>

Quadro 1 - Discursos da diferença e discurso da identidade

A partir do quadro, nota-se algumas relevâncias nos discursos dos estudantes e na categoria “Importância do tema” os três escolhem a palavra *importante*. Sabemos que o tema “comunicação” é relevante para todos, mas o que pretende se mostrar é a que ponto a comunicação é importante. Na categoria “diferença”, o primeiro estudante vê a comunicação como algo classificatório, entre pior e melhor; o segundo aluno encara a comunicação como o êxito da sua disciplina, caso não tenha domínio dessa função o sujeito não tem direito ao mérito; o último aluno tem uma relação gestual com a comunicação e prioriza esse método de comunicação como *desempenho do docente*. Observa-se que os métodos de classificação se manifestam nas diferentes áreas e dentro dessas áreas há outras classificações, sempre entre melhor ou pior, e, capaz e incapaz. Essas características designam a identidade do sujeito. Na última coluna "Identidade", podemos caracterizar os sujeitos por meio de suas áreas de conhecimento. Pois, cada discurso de diferença está relacionado à área que eles estão e suas contribuições.

A identidade e a diferença são parceiras na construção da representatividade do sujeito, pois mesmo que eles tenham semelhanças no discurso, eles são diferentes na expressividade e em pontos sobre sua realidade. É notório que as classificações das diferenças são fundamentais para que o ator social tenha uma definição de si e dos outros. Como vimos no Exercitando 4, apesar deles terem o tema comunicação como importante, cada estudante ressalta pontos que considera mais valorizados. Essa diferença é classificatória, pois só assim podemos determinar o grupo e a classe que o sujeito se insere, e neste caso foram grupos por área do conhecimento relacionada aos seus cursos.

Neste segundo momento, serão analisadas as identidades dos Angolanos com base nos significados do discurso, segundo Fairclough (2003), discutidos anteriormente. Sabe-se que o discurso sempre estará carregado de ideologias que, por sua vez, são representações e podem ser reconhecidas como ações implicadas nas identidades do sujeito. As ideologias empregadas no discurso tendem a reproduzir as representações do sujeito através de pressuposições implícitas e materializadas na linguagem.

O significado acional tem o texto como modo de interação com os eventos sociais, aqui a categoria analítica tem a ver com o modo de agir discursivamente em práticas sociais utilizando o recurso da *intertextualidade*. Com base em Resende e Ramalho (2006), a intertextualidade é a articulação de vozes de outro texto, de modo direto ou indireto. Intertextualidade será analisada no texto produzido pelo estudante, que nos sinaliza se concorda ou não com o autor do texto-base de leitura, proposto pelo Exercitando.

(4)“O autor, neste texto, sublinhou também a importância do leitor em tornar vivo um texto. Ele diz que sem o leitor, o texto é morto; sem o leitor, o texto é nada; sem o leitor, o texto é estático, é, portanto, sem vida. Quem dá vida ao texto é o leitor. Porém, esta vida não devem ser compreendida como amizade onde reina a concordância. Não! Nesta amizade, entre o texto e o leitor, deve predominar o diálogo da discordância. Esta discordância, acho eu, interpreto-a como um confronto entre o que pensamos ou pensávamos e o que o texto diz como novos conhecimentos. Por isso, o texto é um diálogo destruidor, para construir, para formar um novo ser humano, com nova forma de ver o mundo.” (NOEL -Exercitando10. Leitura).

O estudante apresenta sua opinião sobre as ideias do autor, respondendo-o de forma direta e indireta. Não há uma divisão entre a voz do autor e a voz do estudante. Só é perceptível quando o estudante faz a reflexão pessoal seguida de uma exclamação “Não!”. Essa expressão remete ao posicionamento do estudante diante do tema. Mas sempre retomando partes do texto-base para reforçar sua opinião: “Esta discordância, acho eu, interpreto-a como um confronto entre o que pensamos ou pensávamos e o que o texto diz como novos conhecimentos”.

Este diálogo dentro do texto evidencia intertextualidade e apresenta uma discussão com o autor em relação ao tema. Esta ação está ligada diretamente à maneira com que o estudante lida com as situações do mundo: “Por isso, o texto é um diálogo destruidor, para construir, para formar um novo ser humano, com nova forma de ver o mundo”.

De acordo com Bakhtin (1997), uma das formas da dialogicidade dos textos está nos sentidos postulados em uma nova resposta. As ideologias não vêm sozinhas, elas estão sempre baseadas em outras ideias, e essas ideias estão em textos em que a sociedade permanece trabalhando para desconstruir ou afirmar ideias anteriores. É por isso que as ideologias definem a representação da identidade, assim como foi possível observar no trecho do estudante NOEL.

O significado representacional pode ser compreendido na análise da *interdiscursividade*, onde se encontra várias articulações de diferentes discursos em um texto. O discurso pode representar o mundo de diferentes formas, desde que os textos possam articular essas representações. Os discursos podem articular concordâncias ou discordâncias, opiniões de harmonia ou polêmica, e podem ser colaboradores ou opositores (CAETANO, 2010, p. 90).

De acordo com Resende e Ramalho (2006), a identificação de um discurso se dá por duas maneiras, a primeira pelas representações por parte do mundo, algo mais externo, temas

mais abrangentes. E a outra por parte da representação particular que são especificadas por traços linguísticos na prática discursiva, uma vez que o discurso lexicaliza o mundo de maneiras diferentes.

A lexicalização do discurso está presente quando há muitas sugestões do mundo por diferentes organizadores culturais, e esses organizadores podem ser: a igreja (discurso religioso), a escola (discurso educacional), a cadeia (discurso da violência, retenção, etc.), entre outros, que estarão pregando alguma representatividade pela prática discursiva.

Os estudantes estão predispostos a representar o mundo por um tema central, pois eles foram motivados a refletir sobre algo mais amplo, no caso a sociedade em que estão inseridos. Não que a possibilidade da representação particular não esteja presente, ela sempre está presente, mesmo quando o assunto não é de relevância pessoal, mas os traços da identidade sempre vão estar na produção do discurso.

Os Exercitandos foram elaborados para que os alunos reflitam sobre a sociedade de Angola, e alguns falam dela de modo mais abrangente e outros de modo mais particular. Observa-se o texto abaixo, do Exercitando 6, que corresponde ao tema “Violência”:

(5)“A violência é um problema que está em toda parte e como tal Angola não foge à regra. A violência, está e se encontra manifestada sob diversos aspectos ou modalidades a nível das sociedades. A violência se manifesta sob a forma física, moral, psicológica e política devido a perversão dos valores que são de natureza cultural, moral, religiosa e humana. Por ignorância os homens muitas vezes acabam cometendo crimes que colocam as suas vidas e dos demais em risco. A problemática da violência começa como um pequeno vazamento de gás num determinado reservatório, partindo, isto é começa por um problema particular, e na medida em que o vazamento se torna mais forte as repercussões são inevitavelmente em termos de danos fortes e conseqüentemente também irá atingir proporções maiores de impacto geral, assim acontece com a violência, parte de um problema particular e acaba por se transformar em problema social, em problema de uma nação e como se não bastasse acaba por ser um problema mundial. As pessoas acabam por viver desconfiadas e inseguras por causa do fator violência seja de que natureza se trate”. (NILSON - Exercitando 6. A Dignidade Humana)

Acima, vemos a reflexão que o estudante fez sobre o tema “violência” em sua sociedade, em que ele articula vários discursos:

Trechos do Texto	Tipos de Discurso
<i>A violência se manifesta</i>	Discurso de causa
<i>Sob a forma física, moral, psicológica e política.</i>	Discurso ético, médico, político
<i>Devido a perversão dos valores</i>	Discurso da corrupção da moral
<i>Que são de natureza cultural, moral, religiosa e humana.</i>	Discurso ético e religioso

Quadro 2 – Interdiscurso.

Pelas escolhas de vocabulário, a sentença exhibe a concepção de causa, indicando fatores circunstanciais que levam qualquer indivíduo a cometer o ato de violência. Quando ele diz “*violência se manifesta sob a forma física, moral, psicológica e política*”, a possibilidade do sujeito ser violento em qualquer condição, “*devido a perversão dos valores*”, e ocorre quando os valores éticos que todos deveriam seguir para o bem social, se diferenciam do bem comum, ou seja, pela oposição ao bem social. O efeito da violência pode afetar o bem de uma comunidade, e a relação com o outro.

O estudante ainda utiliza outro método de representação dos fatores que geram a violência. Abaixo, um discurso metafórico para exemplificar como a violência perpetua a sociedade.

“A problemática da violência começa como um pequeno vazamento de gás num determinado reservatório, partindo, isto é, começa por um problema particular, e na medida em que o vazamento se torna mais forte as repercussões são inevitavelmente em termos de danos fortes e conseqüentemente também irá atingir proporções maiores de impacto geral”. (NILSON - Exercitando 6. A Dignidade Humana)

Quando o estudante utiliza de um exemplo para falar sobre o tema, ele quer confirmar seu ponto de vista sobre o assunto. Entende-se que os atos do sujeito devem ser medidos para não ocasionar algo ruim, ou seja, o sujeito deve trabalhar suas ações e seus valores para a preservação da estabilidade do ambiente.

Em seguida, em outro trecho, ele descreve as possíveis conseqüências que a violência pode trazer para a sociedade: “*As pessoas acabam por viver desconfiadas e inseguras por causa do fator violência seja de que natureza se trate*”(NILSON - Exercitando 6. A Dignidade Humana).

Mais uma categoria de análise do significado representacional pode ser discutida aqui, é a de "significado da palavra". As escolhas dos adjetivos “desconfiadas” e “inseguras” retratam a identidade de uma sociedade afetada pela violência, seja qualquer tipo de violência. Quando ele fala “*As pessoas acabam por viver...*”, implicitamente, ele põe o seu ponto de vista de como enxerga as pessoas. Daí a representação dele em relação ao outro, e a si, como uma pessoa desconfiada e que tem que medir as ações e os valores para manter o equilíbrio social. É possível observar, que o interdiscurso está diretamente ligado com a visão de mundo que o ator social apresenta em suas práticas discursivas. As representações sociais, estão sempre sendo sustentadas pelo ator social por meio de articulações de outros discursos com o seu próprio discurso, dentro de um espaço simbólico.

Toda essa análise percorreu a visão mais ampla do aluno sobre o tema central “violência”, partimos do pressuposto da reflexão que ele tem sobre o assunto e como ele representa o tema por meio das suas concepções de mundo. Ele tratou de enfatizar suas concepções com descrição e exemplo metafórico da realidade, e defendendo a sua condição de juízo sobre o tema.

O significado identificacional relaciona a identificação de atores sociais em textos. De acordo com Hall (2000, p.109), “as identidades são constituídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.”

Observe o texto do estudante Edilson, do Exercitando 3, sobre o tema “Solidariedade”.

(6) “Em Angola somos um povo solidário na medida do possível (poderíamos ser mais), existem pessoas singulares que na medida do possível tem feito o que lhes permite para ajudar o próximo”. (EDILSON – Exercitando 3 – Solidariedade, caminho para o desenvolvimento)

Nesse fragmento, foi destacado as escolhas lexicais que o aluno usou para definir Angola: “somos um povo solidário”, “na medida do possível”, “poderíamos ser mais”. Nesse processo a marca da diferenciação está ligada a “ser” e “não ser”, é uma questão dialética no sentido de que outras comunidades são mais solidárias do que Angola. Logo, ele se classifica como pertencente a um povo solidário, e determina o grau de solidariedade do povo de Angola, quando diz “na medida do possível”. O estudante está se referindo a sociedade que não é totalmente solidária. E quando ele diz “poderíamos”, julga a capacidade da própria comunidade de poder ser.

De acordo com Silva (2000, p.82), “os pronomes “nós” e “eles” não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder.” O estudante deixa explícito a capacidade dos angolanos, medindo a diferença da ação deles com a dos demais países.

Veja as escolhas lexicais que o estudante utilizou para caracterizar Angola, e identificar as diferenças entre as pessoas na própria sociedade angolana. Observe: *existem pessoas singulares que na medida do possível tem feito o que lhes permite para ajudar o próximo*. Quando ele faz menção “existem pessoas”, ele remete a ideia de que há pessoas que tentam praticar a solidariedade. Em seguida menciona *na medida do possível tem feito o que lhes permite para ajudar o próximo*. Esse é um processo de compreender a posição do outro e seus

possíveis esforços. Segundo Silva (2000, p.82), “dividir o mundo social entre “nós” e “eles” significa classificar, e o processo de classificação é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupo, em classes”.

Outro texto de outro estudante, sobre o mesmo tema, foi selecionado para análise e comparação com o anterior:

(7) *“Partindo deste conceito analisando em Angola diria que o povo realmente é muito solidário apesar das dificuldades que se viveu de 30 e tal anos de guerra e mais de 4 séculos de colonialização ainda existe no espirito do angolano uma certa tristeza das consequencia que estes fenomenos deixaram no país mas mesmo assim somos bondosos entre nós e não recebemos todos os irmãos de outros países desde que esteja legalizado e desponível para contribuir para o desenvolvimento do nosso país e por este e vários motivo considero Angola o país da solidariedade.” (ARMANDO - Exercitando 3. Solidariedade, caminho para o desenvolvimento.)*

Neste texto o estudante caracteriza Angola como país envolvido com a solidariedade: *“Partindo deste conceito analisando em Angola diria que o povo realmente é muito solidário apesar das dificuldades...”*. O emprego do advérbio de intensidade *“muito”*, faz alusão ao próximo adjetivo que ele cita um pouco mais à frente na sentença *“bondosos”*, correspondendo ao sentido de que são solidários. Mas esse sentimento é restrito entre eles pelo fator da guerra *“apesar das dificuldades que se viveu de 30 e tal anos de guerra e mais de 4 séculos de colonialização... bondosos entre nós”*. Pode-se entender que o sentimento de solidariedade, não tem o propósito de bondade para com todo o mundo, e sim para a superação da própria realidade. No trecho: *“...não recebemos todos os irmãos de outros países desde que esteja legalizado e disponível para contribuir para o desenvolvimento do nosso país...”*, entende-se que, o país só agrega aqueles que têm o mesmo princípio, e caso tenha algum objetivo diferente do deles, não há espaço na concepção de solidariedade.

Veja a última sentença *“por este e vários motivo considero Angola o país da solidariedade”*. Angola é designada na percepção do estudante como um país da solidariedade, mas o conceito de solidariedade é diferente do conceito de bem para todos, e sim o bem entre eles mesmos. Nota-se pelas classificações identitárias que os alunos atribuíram qualidades para Angola, em termo de solidariedade, de modo particular. Assim como se percebe na representação da identidade e da diferença no discurso destes dois estudantes no Quadro 3 a seguir:

Exercitando 3		Tema: Solidariedade
Aluno	Identidade	Diferença
1º EDILSON	<i>Em Angola somos um povo solidário</i>	<i>na medida do possível</i>
2º ARMANDO	<i>em Angola diria que o povo realmente é muito solidário</i>	<i>povo realmente é muito solidário.</i>
	Identidade	Diferença
1º EDILSON	<i>existem pessoas singulares que na medida do possível tem feito o que lhes permite para ajudar o próximo</i>	A maioria não é solidária, e alguns poucos que são, se destacam dentre a maioria.
2º ARMANDO	<i>apesar das dificuldades que se viveu de 30 e tal anos de guerra e ... das consequência que estes fenômenos deixaram no país, mas mesmo assim somos bondosos entre nós</i>	Todos da comunidade são solidários entre eles.

Quadro 3 – Identidade e Diferença

O Quadro 3, acima, demonstra claramente a posição dos dois estudantes em relação a solidariedade, por meio dos seus discursos é visível como eles identificam o outro, demarcando diferenças pelos traços linguísticos. Conclui-se que o primeiro aluno não enxerga todos da própria comunidade angolana como solidários e sim alguns, que se esforçam quando há possibilidade de promover essa ação. Já o segundo, vê a própria comunidade angolana como um povo solidário entre todos inseridos naquele território, considerando emigrantes como indiferente a essa realidade.

A partir do trabalho de análise das identidades de alunos angolanos, é considerável o princípio que a identidade nunca é definida com apenas uma concepção, ela depende das relações de poder, de mundo, de situações particulares e da linguagem. A linguagem, no entanto, é o principal elemento para a construção da identidade, nela se encontra artifícios que compõe o discurso e é por meio do discurso as representações são marcadas. É no discurso que as relações de poder são formuladas com ideologias que definem comportamentos de um determinado grupo/comunidade, conduzindo o sujeito a uma prática social.

CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho, discutimos os significados do discurso da ADC e identidade e diferença das Ciências sociais, como pressupostos teórico-metodológicos para análise da construção discursiva das identidades de estudantes Angolanos. A partir desta análise

é possível concluir que a prática discursiva e o modo de representação dos estudantes em seus textos identificam suas identidades pessoais e culturais.

Percebe-se no primeiro momento da análise que a representação está ligada ao discurso de modo que é possível detectar traços relevantes da identidade, seja ela individual ou cultural. No entanto, a identidade só pode ser demarcada pela diferença e seus sistemas classificatórios, conduzindo a representação da identidade a uma prática discursiva que remete a uma prática social, como destacado nos textos dos estudantes, durante a análise das categorias de identidade e diferença. Observa-se que os estudantes puderam refletir sobre sua realidade em Angola, expondo suas opiniões de maneira classificatória, com base nas experiências vividas naquele contexto.

Na análise dos significados do discurso, foram utilizadas categorias analíticas específicas para cada tipo de significado, como a intertextualidade. E foi possível notar a importância da dialogicidade na representação discursiva dos Angolanos e como os textos respondem a textos e a vozes que foram idealizados anteriormente.

No significado representacional, foi utilizada a categoria analítica do interdiscurso, que são discursos encontrados dentro dos textos. No caso dos textos dos estudantes angolanos, o uso de outros discursos está relacionado com a visão de mundo do estudante. Os interdiscursos são discursos usados como referência de uma experiência real, de modo que as escolhas dos discursos possam identificar a posição social e a representação do sujeito diante de algum tema.

Na análise do último significado, o identificacional, foi utilizado a categoria analítica das escolhas lexicais. Observa-se que os estudantes puderam se afirmar como sujeitos pertencentes a uma sociedade específica por meio das escolhas lexicais. Cabe destacar a importância do discurso na sociedade, pois, por meio do discurso percebe-se como o sujeito se posiciona em determinados contextos, e como perpetua suas convicções. No caso, as atividades práticas do “Curso de Leitura e Produção de Textos para Angolanos” fizeram com que os estudantes refletissem sobre seu contexto nacional, pessoal e sobre seu futuro, possibilitando entender as perspectivas possíveis e a buscar mudanças na sua realidade. Apesar das opiniões serem diferentes, por terem identidades diferentes, vale ressaltar que os discursos não atuam apenas no contexto particular e sim cultural.

Este artigo apresenta um exercício de análise dos significados do discurso dos Angolanos para que se possa entender outra cultura e como o ator social se identifica dentro de algum contexto se diferenciando do outro, seja por meio do país, da área de conhecimento, ou de alguma situação individual. Isso permite a compreensão da complexidade e dimensão da linguagem como potencial transformadora do meio social e das práticas sociais.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. Trad. M. Appenzeler. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 279-287.

CAETANO, C. J. M. **Identidade e Terminalidade**: um estudo linguístico das práticas discursivas em uma ala de doentes terminais. Curitiba: Editora CRV, 2010.

CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

CHOULIARAKI, L., FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coord. Trad. Rev. Prefácio à Edição Brasileira de I. Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001a.

_____. Critical discourse analysis as a method in social scientific research. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.) **Method of critical discourse analysis**. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage, 2001b, p.212-138.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Trad. T. T. da Silva e G. L. Louro. University Press: DP&A, 1992.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. da (org. e trad.). **Identidade e Diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 103-130.

OTTONI, M. A. R. As representações identitárias de gênero no humor sexista. In: OTTONI, M. A. R.; LIMA, M. C. de (Org.). **Discursos, Identidades e Letramentos: abordagens da Análise do Discurso Crítica**. São Paulo: Editora Cortez, 2014. p. 25-59.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

SILVA, T. T. da (org. e trad.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. 133 p.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (org. e trad.). **Identidade e Diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 07-72.

Christine Maria Soares de Carvalho Graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Estadual de Montes Claros (1994), mestre em Linguística - Análise de Discurso pela Universidade de Brasília (2001) e doutora em Linguística - Linguagem e Sociedade pela Universidade de Brasília (2006). Coordenou o Curso de Letras nas modalidades presencial e a distância da UCB, nos quais ministra disciplinas da área de Linguística, Língua Portuguesa e Leitura e Produção de Textos. É membro do Grupo de Pesquisa Sociolinguística, Letramento Múltiplos e Educação (SOLEDUC), certificado pelo CNPq.

Elizabeth de França do Nascimento Augusto Graduada em Letras/Português pela Universidade Católica de Brasília.

